

Título original: *Everything, Everything*

Autora: *Nicola Yoon*



alloy**entertainment**

Copyright © 2014 by Alloy Entertainment and Nicola Yoon

Edição original produzida por Alloy Entertainment, LLC

Edição portuguesa publicada por acordo com Rights People, London

Ilustrações do miolo: *David Yoon*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria Fraústo*

Revisão: *Caligrama – Produção Editorial/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição: *Ana Seromenho*

Impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 412 705/16

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2016

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Ao meu marido, David Yoon,
que me revelou o meu coração.*

*E à minha filha, Penny, linda e inteligente,
que o tornou maior.*

«Agora vou-te contar o tal segredo.
É muito simples: só se vê bem com
o coração. O essencial é invisível
para os olhos...»

Antoine de Saint-Exupéry,
O Príncipezinho

O QUARTO BRANCO

JÁ LI MUITO mais livros do que tu. Não importa quantos livros já leste. Eu li mais. Acredita em mim. Eu tive tempo.

No meu quarto branco, sobre as minhas reluzentes estantes brancas que estão encostadas às minhas paredes brancas, as lombadas dos livros são a única fonte de cor. Todos os livros são novos e de capa dura – não tenho encadernações moles em segunda mão, cheias de germes. Chegam-me do Exterior, descontaminados, envolvidos em plástico e selados em vácuo. Gostava de ver a máquina que faz isto. Imagino cada livro a viajar numa passadeira rolante branca até chegar a uma plataforma retangular branca onde uns braços robóticos brancos lhes limpam o pó e os esfregam, desinfetam e esterilizam até estarem suficientemente limpos para me serem enviados. Quando chega um livro novo, a minha primeira tarefa é retirar o plástico. É um processo que envolve tesouras e mais do que uma unha partida. A minha segunda tarefa é escrever o meu nome no interior da capa.

PROPRIEDADE DE Madeline Whittier

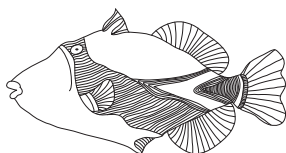
Não sei por que razão faço isto. Não há aqui mais ninguém a não ser a minha mãe, que nunca lê, e a minha enfermeira, a Carla, que não tem tempo para ler porque passa o tempo todo a ver-me respirar. Raramente tenho visitas, por isso não há

ninguém a quem possa emprestar os meus livros. Não há ninguém a quem tenha de lembrar que o livro que tem na sua estante me pertence.

RECOMPENSA PARA QUEM ENCONTRAR (à sua escolha):

Esta é a secção que me demora mais tempo e que varia de livro para livro. Às vezes, as recompensas são fantasiosas.

- Um piquenique comigo (Madeline), sob um céu limpo de verão, num campo cheio de pólen onde haja papoilas, lírios e margaridas azuis.
- Um lanche comigo (Madeline) num farol em pleno oceano Atlântico no meio de um furacão.
- Mergulhar comigo (Madeline) ao largo da ilha Molokini para observar o peixe nacional do Havai - o humuhumunukunukuapua'a.



Às vezes, as recompensas não são assim tão fantasiosas.

- Ir comigo (Madeline) a um alfarrabista.
- Dar uma volta comigo (Madeline) pelo meu quarteirão e voltar para trás.
- Conversar comigo (Madeline) sobre qualquer coisa que queiras, no sofá branco do meu quarto branco.

Às vezes, a recompensa é apenas...

- Eu (Madeline).

O CORREDOR DA SCID¹

A MINHA DOENÇA é tão grave quanto famosa. É uma forma de imunodeficiência combinada grave mas é também conhecida como «doença do menino da bolha».

Basicamente, sou alérgica ao mundo. Tudo pode desencadear uma crise. Podem ser os químicos do detergente usado para limpar a mesa onde acabei de tocar. Pode ser o perfume de alguém. Pode ser uma especiaria exótica presente em qualquer alimento que acabei de comer. Pode ser uma destas coisas ou todas juntas, ou nenhuma, ou outra coisa qualquer. Ninguém sabe o que despoleta uma crise mas toda a gente sabe quais são as consequências. Segundo a minha mãe, quase morri em criança. Por isso vivo no corredor da SCID. Não saio da minha casa, nunca saí de casa.

¹ Do inglês *severe combined immunodeficiency*, em português imunodeficiência combinada grave. (NT)

REGISTO
DE SAÚDE
DIÁRIO

Madeline Whittier

NOME DO PACIENTE

2 de maio

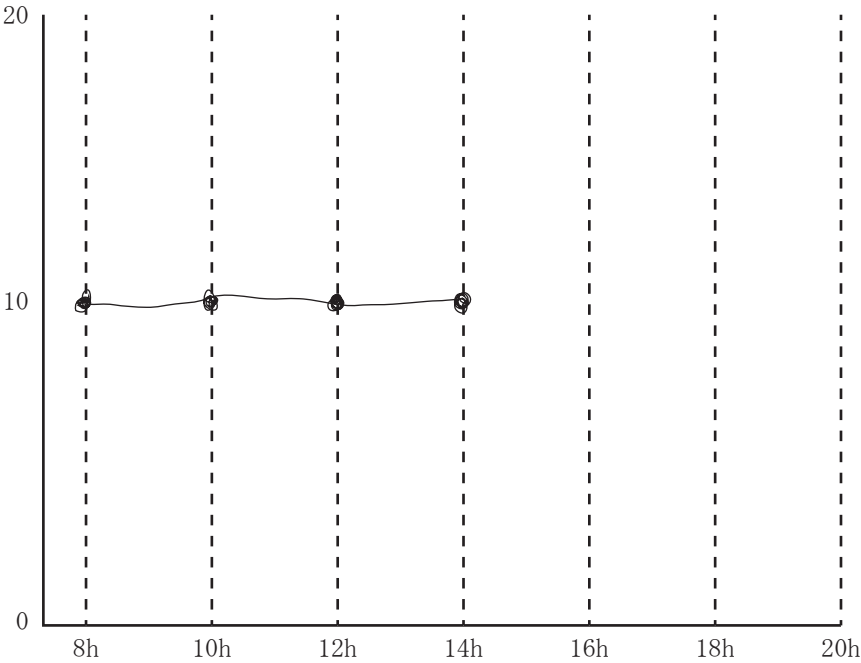
DATA

Dra. Pauline Whittier

MÉDICO

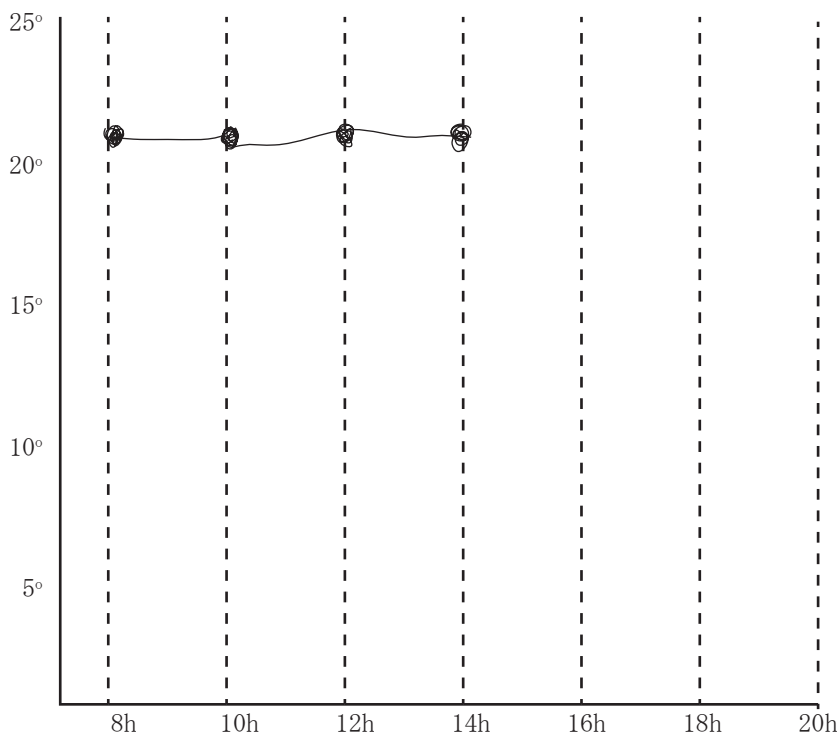
0002921

FREQUÊNCIA RESPIRATÓRIA POR MINUTO



0002921

TEMPERATURA DO QUARTO



0002921

ESTADO DO FILTRO DO AR

8h	OK
9h	OK
10h	OK
11h	OK
12h	OK
13h	OK
14h	OK
15h	
16h	
17h	
18h	
19h	
20h	

0002921

ANVSARIU

– PREFERES NOITE DE cinema, *Pictionary de Honra* ou Clube de Leitura? – pergunta-me a minha mãe, enquanto insufla o medidor de pressão arterial enrolado no meu braço. Não menciona a sua atividade preferida para depois do jantar – o *Scrabble Fonético*. Olho para ela e vejo que os seus olhos se estão a rir para mim.

– Fonético – digo eu.

Para de insuflar a braçadeira. Normalmente seria a Carla, a minha enfermeira a tempo inteiro, quem estaria a medir-me a pressão e a preencher o meu registo de saúde diário, mas a minha mãe deu-lhe um dia de folga. É o meu aniversário e passamos sempre o dia juntas, só as duas.

Põe o estetoscópio para poder ouvir o meu coração. O sorriso é substituído pela sua expressão mais séria de médica. É esta a cara que os seus pacientes costumam ver – ligeiramente distante, profissional, preocupada. Não sei se eles se sentem confortáveis com esta expressão.

Impulsivamente, dou-lhe um beijo rápido na testa para lhe lembrar de que sou eu quem ali está, a sua paciente preferida, a sua filha.

Ela abre os olhos, sorri e acaricia-me a cara. Parece-me que quando uma pessoa nasce com uma doença que requer cuidados constantes é bom que o médico seja a própria mãe.

Segundos depois, põe a sua melhor cara de «sou tua médica e tenho más notícias para ti».

– É o teu dia. Porque é que não jogamos uma coisa que tenhas realmente possibilidade de ganhar? *Pictionary de Honra*?

O *Pictionary* normal não pode ser jogado por duas pessoas, por isso inventámos o *Pictionary de Honra*. Uma pessoa desenha e a outra compromete-se pela sua *honra* a dar o seu melhor para adivinhar. Se acertar, a outra pessoa pontua.

Olho para ela com os olhos semicerrados.

– Vamos jogar *Scrabble Fonético* e desta vez vou ganhar – digo eu confiante, embora não tenha qualquer hipótese.

Em tantos anos a jogar *Scrabble Fonético* ou *Skrabl Fnetiku*, nunca consegui ganhar-lhe. A última vez que jogámos estive quase a ganhar. Mas ela arrasou comigo na última jogada. Jogou *JINZ* numa palavra que pontuava a triplicar.

– Está bem. – Abana a cabeça fingindo estar com pena de mim. – É como tu quiseres.

Fecha os olhos sorridentes para ouvir o estetoscópio.

Passámos o resto da manhã a fazer o meu tradicional bolo de anos, um pão-de-ló de baunilha com cobertura *glacé* de baunilha. Depois de arrefecer, aplico uma finíssima camada de creme *glacé*, apenas o suficiente para cobrir o bolo. Aquilo de que realmente gostamos é de bolos, não é da cobertura *glacé*. Para decorar, desenho dezoito margaridas no *glacé* com pétalas brancas e um círculo branco no centro. De lado, desenho cortinas brancas drapeadas.

– Perfeito – diz a minha mãe, falando por cima do meu ombro enquanto eu acabo. – É a tua cara.

Viro-me para ela. Está com um enorme e orgulhoso sorriso, mas os seus olhos estão cheios de lágrimas.

– És... muito... dramática – digo eu, pondo-lhe uma pinta de *glacé* no nariz.

Isto apenas faz com que ela ria e chore mais um pouco. A sério, ela não costuma ser tão emotiva mas há qualquer coisa no dia dos meus anos que a põe simultaneamente alegre e chorosa. E se ela está alegre e chorosa, então eu também fico alegre e chorosa.

– Eu sei – diz ela, levantando as mãos num gesto desesperado. – Sou completamente patética.

Dá-me um abraço e aperta-me. Fico com *glacé* no cabelo.

O meu aniversário é o único dia do ano em que ambas nos sentimos verdadeiramente conscientes da minha doença. É a percepção da passagem do tempo. Passou mais um ano em que estive doente e não se vislumbra qualquer esperança de cura. Mais um ano em que perdi todas as coisas características da adolescência – aulas de condução, primeiro beijo, festa de finalistas, bater com o carro. Mais um ano em que a minha mãe não fez mais nada a não ser trabalhar e cuidar de mim. Nos outros dias, estas carências são fáceis, ou pelo menos mais fáceis, de ignorar.

Este ano é um pouco mais difícil do que o anterior. Talvez seja porque agora tenho dezoito anos. Tecnicamente, sou adulta. Devia estar a sair de casa, a ir para a universidade. A minha mãe devia estar com síndrome de ninho vazio. Mas, por ter SCID, não vou a lado nenhum.

Mais tarde, depois de jantar, ela dá-me um bonito conjunto de lápis de aguarela que esteve na minha lista de pedidos durante meses. Vamos para a sala de estar e sentamo-nos de pernas cruzadas em frente à mesa de apoio. Isto também faz parte do meu ritual de aniversário. Ela acende uma vela no centro do bolo. Fecho os olhos e penso num desejo. Apago a vela.

– O que é que desejaste? – pergunta-me assim que abro os olhos.

Na verdade, só desejo uma coisa – uma cura mágica que me permita correr livremente no exterior como um animal selvagem – mas nunca peço isso porque sei que é impossível. Seria como desejar que as sereias, os dragões e os unicórnios fossem reais. Em vez disso, desejo coisas mais plausíveis do que a cura. Coisas que não nos provoquem tanta tristeza.

– Paz no mundo – digo eu.

Três fatias de bolo mais tarde, começamos a jogar *Funetik*. Não ganho. Nem ando lá perto.

Ela usa sete letras e escreve POKALIP antes de um S. Fica POKALIPS.

– O que é isso? – pergunto.

– Apocalipse – responde ela com os olhos a dançar.

– Não, mãe. Nem penses. Não posso aceitar isso.

– Sim.

Não diz mais nada.

– Mãe, tens de acrescentar um A. Nem penses.

– Pokalips – sublinha, gesticulando. – Percebe-se perfeitamente.

Abano a cabeça.

– POKALIPS – insiste ela, arrastando lentamente a palavra.

– Meu Deus! És tão teimosa. – Ponho as mãos ao alto. – Pronto, pronto. Aceito.

– Yessss! – Dá um murro no ar, ri e aponta para a sua imbatível pontuação. – Tu nunca percebeste a essência deste jogo – diz ela. – É um jogo de persuasão.

Sirvo-me de mais uma fatia de bolo.

– Isso não foi persuasão – digo eu. – Foi batota.

– É a mesma coisa – diz ela e começamos a rir.

– Amanhã vais ganhar-me num *Pictionary de Honra* – diz-me.

Depois de eu perder, vamos para o sofá e vemos o nosso filme preferido, *Frankenstein Júnior*. Isto também faz parte do nosso ritual de aniversário. Ponho a cabeça no colo dela, faz-me festas no cabelo e rimos as duas das mesmas piadas e da mesma forma há anos. Apesar de tudo, esta maneira de passar o dia em que se faz dezoito anos não é má.

TUDO IGUAL

ESTOU A LER, na manhã seguinte, no meu sofá branco quando entra a Carla.

– *Feliz cumpleaños* – canta.

Baixo o livro.

– *Gracias*.

– Como é que foi o teu dia de anos? – começa a esvaziar a sua mala de material médico.

– Divertimo-nos.

– Bolo de baunilha com cobertura *glacé* de baunilha? – pergunta.

– Claro!

– *Frankenstein Júnior*?

– Sim.

– E perdeste naquele jogo? – pergunta.

– Somos muito previsíveis, não é?

– Não lighes ao que eu digo – diz ela a rir. – Só estou com ciúmes por tu e a tua mãe serem tão queridas.

Pega no meu registo de saúde do dia anterior, dá uma vista de olhos às medições da minha mãe e acrescenta uma folha nova.

– Hoje em dia, a Rosa não está disposta a passar nem um dia comigo.

A Rosa é a filha de dezassete anos. A Carla diz que eram muito próximas até ao dia em que as hormonas e os rapazes tomaram

conta da situação. Não consigo imaginar que isso pudesse acontecer entre mim e a minha mãe.

A Carla senta-se ao meu lado no sofá e eu estendo-lhe a mão para ela colocar a braçadeira de medir a pressão. O seu olhar recai sobre o meu livro.

– *Flores para Algernon* outra vez? Esse livro não te faz sempre chorar?

– Um dia vai deixar de fazer – digo eu. – Quero ter a certeza de que nesse dia o estarei a ler.

Ela revira os olhos e pega-me na mão.

É uma espécie de resposta torta mas depois fico a pensar se será verdade.

Talvez eu esteja a perder a esperança de que um dia, num dia qualquer, as coisas mudem.

A VIDA É CURTA™

RESENHAS EM FORMA DE *SPOILER* POR MADELINE

FLORES PARA ALGERNON DE DANIEL KEYES

Aviso de spoiler: Algernon é um rato. O rato morre.

INVASÃO ALIENÍGENA, PARTE 2

ESTOU NAQUELA PARTE em que o Charlie se apercebe de que o destino do rato pode ser também o seu, quando oiço um barulho forte e contínuo vindo do exterior. A minha imaginação leva-me imediatamente para o espaço. Imagino uma enorme nave-mãe parada no céu por cima de nós.

A casa treme e os meus livros vibram nas prateleiras. Uma buzina junta-se ao ruído e percebo o que é. Um camião. Se calhar perdeu-se, digo eu a mim mesma para afastar o sentimento de desilusão. Se calhar virou na direção errada quando ia para um sítio qualquer.

Mas depois o motor é desligado. As portas abrem-se e fecham-se. Passa um tempo, depois mais um tempo, e finalmente ouve-se a voz de uma mulher:

– Bem-vindos à nossa nova casa, minha gente!

A Carla olha fixamente para mim durante uns segundos. Sei o que está a pensar.

Está outra vez a acontecer.

DIÁRIO DA MADELINE

5 de agosto

A família da casa ao lado
foi-se embora. O rapaz
chorou. Escondeu-se no
jardim e comeu terra até
a mãe encontrá-lo, mas não
lhe ralhou por ele ter comido
terra como costuma fazer.

Agora está tudo muito
calmo lá fora.

Ontem à noite sonhei que

não se tinham ido realmente embora. Tinham sido raptados por extraterrestres. Os extraterrestres não me levaram porque eu estou doente e eles só querem pessoas saudáveis. Levaram a minha mãe, a Carla e a família do lado e eu fiquei completamente sozinha.

Acordei a chorar e a minha
mãe veio ver-me e ficou
a dormir comigo. Não lhe
contei o meu sonho porque
isso iria entristecê-la,
mas contei à Carla e ela
deu-me um abraço.